

Simonsen acredita em acordo para dívida pública

Nilton Horita

SÃO PAULO — A solução para o problema da dívida pública não precisa ficar estimulando a criatividade de economistas e quebrar a cabeça dos assessores de presidenciáveis. Ao invés de optar por complicadas estratégias, é preferível apelar para a velha e infalível receita da simplicidade. "O problema será resolvido, basicamente, se o novo governo colocar publicamente, assim que tomar posse, que toda a dívida interna será honrada", receita o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Apenas essa declaração explícita patrocinará uma ampliação natural dos prazos de rolagem

dos títulos do governo, hoje totalmente concentrados no dia-a-dia.

Essa mensagem tranquilizadora foi transmitida por Simonsen em café da manhã fechado que reuniu vinte presidentes de empresas de grande porte de diversos setores da economia, em São Paulo. Ele chegou de Nova Iorque na quinta-feira à noite, depois de 11 horas de atraso no aeroporto John Kennedy, e logo na manhã do dia seguinte já estava debatendo suas idéias. Nessa mesma noite de sexta-feira, Simonsen viajaria para a Espanha, onde participaria de um debate patrocinado pela Universidade de Tel Aviv.

O ex-ministro afirmou que o grande problema da dívida pública é localizar exatamente qual o volume representa-

do pelo caixa das empresas que está protegido pela indexação diária e quanto significa de recursos depositados com objetivo de poupança de médio prazo. A política monetária do Banco Central, dentro desse contexto, garantiria zerar as aplicações das instituições participantes do mercado. Dessa forma se criaria credibilidade para se alongar naturalmente os prazos de financiamento. "Vai haver uma solução natural."

Calote — "Um calote ou se dá ou não se dá, não existe a possibilidade de meio calote", lembrou. Na sua opinião, se houver um parcelamento, haverá uma corrida de aplicadores para tirar os recursos do open, deflagrando o processo de hiperinflação. E um calote puro e simples não teria sentido em acontecer, pois o gover-

no não teria mais credibilidade para continuar se firmando.

Simonsen acredita que a inflação está controlada até dezembro. Como previsões, ele adiantou que a taxa desse mês será de 37%, para chegar em novembro em 40% e fechar o ano com 45%. "Não haverá explosão". Em um dos momentos mais engraçados, Simonsen respondeu que o dilema brasileiro, na verdade, é optar entre seguir os exemplos dos filmes *Rambo 1*, *Rambo 2* e *Rambo 3*, ou seja, não há outra alternativa além de adotar um severo plano econômico de contenção das despesas com forte ajuste fiscal.

"E se o senhor fosse diretor financeiro de uma empresa, o que faria?",

perguntou um dos empresários presentes. "Rezava", resumiu com humor, Simonsen. "De minha parte estou torcendo para que o plano econômico argentino dê certo, pois teremos um ótimo fluído para começarmos o trabalho no Brasil". Depois de outra pergunta, Simonsen afirmou que não utiliza nenhuma consultoria política especializada. "Minha assessoria política é a minha empregada, uma senhora negra de 63 anos, ou seja, nossa sensibilidade nessa área deve ser o povo". Na verdade, ele acredita que o Brasil viverá necessariamente por uma fase de populismo competente.

Ele sugere ao novo governante adotar o exemplo do presidente eleito da

Venezuela, Carlos Andres Peres, que descreve como um populista nato. "Deve-se dosar a curva de populismo. Pode-se adotar medidas duras no começo para ganhar popularidade no final. O que temos é o populismo incompetente. Para se consertar, deveremos passar necessariamente por uma recessão. Se o Brasil crescer muito, teremos que passar por uma racionamento em 1992". No front externo, segundo ele, o Brasil está mais tranquilo.

"O sistema bancário internacional já se conscientizou que não irá receber a sua dívida. O Plano Brady é um fato político novo e os bancos já realizaram reservas, se estruturando para os novos tempos."